

SOBRE O INFORTÚNIO DE SER-SE AMERICANO

Luiz Augusto Estrella Faria*

*"Oh Patria mia si bella e perduta
Oh Membranza si cara e fatale!"*

Nabucodonosor
Verdi

Os anos 80 talvez possam ser comparados com os anos 40, ou 10, pela profundidade das transformações sócio-políticas que apresentaram. Com uma vantagem, os acontecimentos das outras duas décadas citadas gestaram-se no bojo das duas mais sangrentas guerras da história humana, que custaram dezenas de milhões de vidas. Ao passo que os anos 80 são testemunha da renovação do antigo ditado marxista de que a violência é a parteira da história. Talvez o exemplo mais eloquente disso seja a guerra Irã-Iraque, que terminou após anos de combate sem que nenhum dos dois contendores tenha visto qualquer dos obscuros desígnios que os levaram à ação armada realizada. Por outro lado, no próprio Irã, e de forma espetacular na Europa Oriental, regimes políticos que se escudavam na violência foram derrubados por movimentos pacíficos em que a desobediência civil foi a tática vitoriosa. O próprio Oriente Médio, que desde os anos 50 servia de laboratório bélico aos fabricantes de armas e aos comandantes militares do Pentágono e do Kremlin, influiu sua vertente política sob as manifestações de massa do povo palestino na "Intifada", que faz mais medo ao sionismo que as brigadas guerrilheiras da Organização pela Libertação da Palestina (OLP). O recente episódio romeno, bem como a já mais antiga revolução nicaraguense, passando por rugas na Argentina, nas Filipinas, em Moçambique e outros países africanos, e, fechando o ano, a invasão do Panamá são estertores de práticas em crescente desuso. Desuso que parece estar se restringindo ao velho quintal estadunidense que é a América.

Se essa onda de revitalização das práticas democráticas, dos princípios civilizados e dos direitos políticos dos povos varreu indistintamente os cinco continentes, encaminhando as soluções dos impasses históricos para o terreno do sufrágio universal, da livre discussão das idéias, do direito de manifestação e expressão, seus resultados sociais e econômicos são distintos.

* Economista da FEE, Assessor-Economista do Prefeito de Porto Alegre e Professor da UNISINOS.

De modo geral, seja na Ásia, seja na África, ou radicalmente na Europa Oriental, a onda de democratização propicia a transformação das estruturas sócio-econômicas no sentido progressista, de redução das desigualdades, de democratização das oportunidades. O tom dissonante vem da América Latina, que, mais uma vez, não soube como embarcar no trem da história.

Nós que já fomos chamados de "tristes trópicos", "triste y bella", estamos entrando na última década do milênio com as mesmas estruturas sociais de profunda injustiça, herança de uma colonização violenta e espoliativa e da extremada crueldade escravagista.

Lançando um olhar sobre as raízes da crise mundial que levou a essas transformações, podemos começar a entender a razão desses desdobramentos divergentes, pois na raiz das agitações sociais que impulsionaram esses acontecimentos está a perda de fôlego e de dinamismo dos sistemas econômicos industrializados e do mercado mundial. Essa crise, que atingiu indistintamente o Primeiro, o Segundo e o Terceiro Mundos, é duplamente determinada. Ela é a crise do regime de acumulação, na medida em que o nível tecnológico, a forma de organizar a produção, a proporcionalidade entre produção, investimento e consumo se tornam entraves ao crescimento da produtividade e à elevação do nível do bem-estar dos povos. É também crise do modo de regulação, em razão de que o conjunto de relações institucionais que dão coerência e estabilidade ao regime de acumulação, como a política monetária, a intervenção econômica de Estado, o mercado de trabalho, as instituições internacionais como GATT e FMI, deixa de ser capaz de criar as condições que mantêm o sistema operando normalmente.

Ora, se a hegemonia das ditaduras na Europa, na Ásia e na América Latina foi construída por seus sucessos no plano material, promovendo o crescimento, a crise econômica desdobra-se naturalmente em crise do regime político. A sociedade põe-se em movimento para derrubar o governo fracassado e substituí-lo por uma estrutura onde não haja usurpação do poder e onde o grau de delegação de soberania se reduza. Restabelecem-se direitos políticos, o respeito à pessoa, as eleições livres; e os grupos no poder são substituídos em maior ou menor grau.

As novas forças políticas que sobem ao poder na Ásia, na Europa do Sul e na Europa Oriental têm, para além da mudança do regime político, um projeto de transformação das estruturas sócio-econômicas no sentido da modernidade. As duas primeiras integram-se a seus blocos regionais e, com isso, são capazes de promover um surto de novos investimentos de alta tecnologia, bem como avanços em fatias do comércio mundial e serviços de turismo. Já a Europa Oriental caminha no sentido de propiciar o controle social sobre a economia estatizada e redefinir espaços para a ati-

vidade econômica individual, principalmente na agricultura, mas inclusive na pequena produção urbana (o que não tem nada a ver com retorno ao capitalismo, como quer fazer crer a tendenciosidade do noticiário da grande imprensa ocidental).

Na América Latina, desafortunadamente o quadro é outro. Os governos democráticos ou são representantes disfarçados dos mesmos interesses que sustentaram as ditaduras, ou não têm poder sobre o sistema econômico para mudar seu rumo. As classes dominantes do Continente, mergulhadas no pântano mesquinho de seus interesses particulares, são incapazes de formular um projeto para a sociedade à altura do tempo contemporâneo. Permanecem com a mesma postura que seus antepassados, que traíram nossos libertadores que tiveram generosidade de apontar um caminho que resgatasse os desvalidos de nossa terra. A desgraça de Bolívar, San Martín, Artigas e seus companheiros é predecessora da tragédia de todo um povo, que tem como marca sombria um dos maiores níveis de injustiça do Planeta, onde os mais faustosos privilégios convivem com as mais abjetas miséria e degradação da condição humana.

Em que pese ao esforço de alguns de seus melhores filhos, às recentes eleições no Brasil, no Uruguai e na Argentina, aos processos políticos na Bolívia, no Peru, no Equador, no Paraguai e na Venezuela, às tragédias da Colômbia, de El Salvador e do Panamá, às incertezas do Chile, da Nicarágua e de Cuba, ao impreciso futuro do México, enfim, às agruras das pequenas nações antilhanas, tudo isso não nos permite imaginar um futuro melhor para nossos povos. Afasta-nos, tristemente, da situação de nossos semelhantes de outros continentes, principalmente da Europa, que, se ainda têm um mar de dificuldade para vencer, sabe que o sonho que governa o braço que se prende ao leme, firmando o rumo de sua viagem, pode se realizar entre a espuma e a areia branca de uma praia para a qual aponta a quilha de sua nau.

Para nós, resta o ciúme e sua flecha preta.